

A Importância do Entendimento das Condições de Produção Vocal em Crianças

Léslie Piccolotto Ferreira

“Emerson, 8 anos, bom aluno, adora esportes em geral. É goleiro e líder da turma. Com voz rouca e grossa, lembra muito o pai, do tipo que sabe mandar, porque sabe o que quer”. Quando brinca no pátio do prédio, seus pais conseguem acompanhá-lo pela intensidade da sua voz. Quando este caso chega à terapia fonoaudiológica? E quando chega, o que deverá ser feito?

Nos dias de hoje, cada vez mais otorrinolaringologistas e fonoaudiólogos recebem em seus consultórios crianças com distúrbios de voz. Na maioria das vezes, são alterações de etiologia explicada por um uso inadequado da voz. Certamente isso acontece porque o cotidiano das crianças hoje, difere do vivenciado pelas crianças, quando comparadas àquelas que viviam pelo menos há duas décadas atrás. Podemos mencionar alguns aspectos para dar início a essa reflexão.

A escola tem sido um lugar que cada vez mais cedo tem recebido as crianças, que se vêm obrigadas a frequentá-la, por conta da necessidade dos pais de trabalhar. Se, antes as crianças recebiam toda atenção da família, permanecendo em casa até os cinco ou seis anos, nos dias de hoje, é na escola que começam, muito cedo, a aprender a repartir, a lidar com a competição, enfim a se relacionar com adultos e crianças. O próprio contexto do ambiente dessa escola muitas vezes também é adverso em termos físicos, com presença de ruído^a, que gera competição sonora. Em pesquisa realizada por Ferrari e Ferreira (2001) com 290 crianças da 3ª e 4ª série do ensino fundamental de escola da rede pública estadual de São Paulo, 65 (2%) delas, apresentavam algum sintoma vocal, definidos por eles como ficar rouco toda hora ($p < 0,001$); perder a voz ($p = 0,019$); ficar com a voz fraca ($p < 0,001$). Quando questionados sobre as causas desses sintomas fizeram referência a presença de ruído proveniente do pátio ($p = 0,019$); e o tamanho da sala de aula -pequeno ($p = 0,005$), que interfere no desenvolvimento das atividades. O próprio modelo dado pelas professoras^b nem sempre é adequado pois, na maioria das vezes, essas se vêm obrigadas a usar o grito como forma de controle de comportamento das crianças, o que acaba por gerar alterações vocais do tipo rouquidão, perda de voz, entre outros.

Em casa, pela própria ausência dos pais, em função do trabalho, muitas vezes se percebe a dificuldade em dar limites à essas crianças que, em cenas de birra, aos gritos, tentam convencer os pais de que querem algo. Os pais, acreditando que atender a esses pedidos pode minimizar a sua não presença em casa, acabam por

concordar em atender à criança, e sem saber impor limites, acabam por delegar essa tarefa à escola, local em que as crianças passam boa parte do tempo. A escola, porém, não se vê obrigada a delimitar aspectos que são próprios da família, e assim o embate está formado.... É em casa, ainda, que a presença da televisão pode ser questionada, pois servindo de babá eletrônica o tempo todo em que a criança ali permanece, apresenta programas, na sua maioria, que estimula o grito em atividades de competição ou o uso de vozes ásperas e agressivas, para explicitar a violência. Se lembrarmos que é na infância que a imitação se faz mais presente, não fica difícil imaginar o tipo de brincadeiras que a própria TV pode estimular. Além disso, é freqüente encontrar famílias, que pela própria seqüência do dia-a-dia são "ruidosas", falando alto, com TV e rádio ligados, cachorro latindo.... Fora dos dois contextos – escola e casa – a criança se vê, ou como um mini-executivo, cumprindo uma série de aulas de natação, judô, computação, inglês, etc., aspectos que podem gerar estresse e vão de encontro à necessidade, para um desenvolvimento saudável da criança, de brincar, ou em situação de lazer, nas festas de aniversário, lanchonetes ou "shoppings", em lugares onde é comum encontrá-las imersas em atividades, uma vez mais, de competição, estimuladas a correr, gritar..

Alguns poderão justificar que a plasticidade do aparelho fonador em desenvolvimento muitas vezes dá conta desses chamados maus usos ou abusos vocais. É comum ouvirmos crianças gritando em jogos esportivos, por exemplo, e nem por isso todas estarão roucas ao final...Outros poderão argumentar que, conforme o tipo de alteração encontrada na infância, essa poderá, por ocasião da adolescência, principalmente no sexo masculino, ser minimizada por conta das transformações ocorridas nas estruturas, nessa fase. Na verdade, frente a cada caso que procura um atendimento deve ser considerado o nível de sofrimento dessa criança ou de seus pais/família, frente ao problema de voz.

De certa forma, todos os aspectos apresentados anteriormente podem justificar alterações vocais nas crianças, por conta de um ambiente adverso que, ao gerar ruído e competição, propiciam um uso inadequado da voz. Há, porém outras questões: é importante lembrar que as crianças encontram-se em fase de desenvolvimento, não apenas orgânico mas também psíquico e é nas relações, presentes nas situações apontadas, que tudo isso vai acontecendo. A teoria psicanalítica dá um lugar de destaque, na constituição subjetiva da criança, à escuta da voz do outro, e completa que a história pessoal de cada sujeito estará vinculada às suas vivências, a sua relação com seus pais, à própria história de seus pais. Aos poucos, a criança vai se constituindo como sujeito que, pela voz (linguagem), se faz presente no mundo. Assim, muitas vezes, o distúrbio de voz pode estar presente como uma marca que quer dizer algo para além de uma questão orgânica....Lembro de um caso, cuja mãe, depois de conversarmos longamente sobre essas questões disse: "o médico falou que o problema do meu filho (nódulos vocais) deve ser porque ele grita, mas dos meus três filhos ele é o que menos fala! Acho que ele quer me contar as coisas, mas não sabe como e fica tudo "entalado" na garganta..."

Nos consultórios de médicos e fonoaudiólogos, quando uma criança com alteração de voz chega, além das avaliações clínicas, é necessário um levantamento minucioso da história, pois uma escuta atenta, do que os pais e a própria criança trazem, pode contribuir para um melhor entendimento do caso. É comum, muitas vezes, um caso chegar por conta de outros problemas, pois há pouca percepção, por parte dos pais e até dos professores, mesmo apresentando problemas vocais, do que venha a ser um problema de voz. Há ainda pais que associam as alterações de voz, principalmente as representadas por vozes roucas e mais graves, a aspectos positivos como vozes que "parecem de um hominho" ou "voz de quem sabe o que quer!"

Nesse contexto, depois de conhecer a criança em seu cotidiano e as condições de sua produção vocal, deve-se decidir se o trabalho vai estar direcionado aos pais e aos profissionais da escola ou se além desses, também a criança deverá entrar em processo terapêutico. Se esta última for a decisão, é importante lembrar da necessidade de levá-la a entender o processo vocal, sem subestimá-la, num enfoque em que a dramatização e a fantasia podem ser importantes aliadas do fonoaudiólogo. Este, por sua vez, deve estar sensível para captar as diversas formas de expressão da criança: umas preferem o desenho, outras a pintura, a música ou mesmo a modelagem.

Pequenas mudanças no cotidiano dessa criança podem fazer a diferença, e é comum a família se surpreender com o impacto gerado não apenas na voz, mas na forma de ser no mundo de seu filho, por conta de sugestões simples como novas brincadeiras ou a prática de leitura de histórias, por parte dos pais, que compartilham, assim, o tempo e atenção com elas.

Importante lembrar que, a nosso favor, temos o papel efetivo das crianças serem bons agentes multiplicadores. Muitas vezes aquilo que é dito ou trabalhado em terapia pode repercutir em casa e até mesmo na escola, num movimento de mudança real do cotidiano.

Dessa forma, uma possível estratégia para minimizar as alterações de voz nas crianças seria a implantação de um programa de saúde, que pudesse contar com a escola como principal parceira. A meta, dessa forma, seria atingir professores (considerados profissionais "de risco" quanto as questões de voz) e seus alunos, num trabalho conjunto em que o destaque estaria por conta, não apenas dos cuidados com a voz, mas também da importância da expressividade, do saber falar, num contexto de interlocução: se a comunicação é aquilo que diferencia o humano dos demais seres e a voz dá a possibilidade dos humanos se diferenciarem entre si, é de suma importância auxiliar as crianças a preservá-la! Nesses programas deveria haver o envolvimento de todos os profissionais da saúde, para que os princípios e métodos que viessem a subsidiá-los pudessem levar em conta a criança em sua totalidade, não apenas orgânica, mas também psíquica.

Leitura recomendada

1. Ferreira LP, Giannini SPP, Figueira S, Silva EH, Karman DF, Thomé de Souza TM. Condições de Produção Vocal de Professores da Prefeitura do Município de São Paulo. *Revista Distúrbios da Comunicação*. 14 (2): 275-307, 2003.
2. Ferrari A, Ferreira LP. Condições de produção vocal em escolares de 9 a 12 anos. [Monografia] Especialização em Voz. PUC-SP, 2001.
3. Andrews ML. *Voice Therapy for Children*. Longman. New York., 1986.
4. Costa HO, Duprat AC, Eckeley CA. *Laringologia Pediátrica*. Editora Roca, São Paulo 1999.
5. Belhau M. *Voz: o livro do especialista*. Editora Revinter, Rio de Janeiro. 2001
6. Hersan RC. Disfonia Infantil. IN: Lopes Filho, O. *Tratado de Fonoaudiologia*. Editora Roca, São Paulo, 1997.
7. Jerusalinsky J. Prosódia e enunciação na clínica de bebês: quando a entoação diz mais do que se queria dizer. In: Vercaro A. (org) *Quem fala na língua? Sobre as psicopatologias da fala*. Salvador. Agalma. 2004.

^a Pesquisa realizada pela Prefeitura de São Paulo ao medir o ruído de algumas das escolas da rede encontrou em nível de pátio=114,3 dB; quadra =90,2dB; sala de aula = 92,1dB; e voz do professor = 81,6dB. Essa mesma pesquisa, ainda não concluída, revelou algum tipo de alteração auditiva em 17,4% dos alunos e 36% dos professores.

^b Pesquisa realizada por Ferreira et al. (2003) revela que 60% dos professores da rede municipal de São Paulo fazem referência, no presente ou passado, a alterações vocais.